

Coleção Identidades Culturais



ISBN 978-85-62852-01-5



CARNAVAL FESTA DO POVO
Ribeirão Preto como um cenário de representatividade histórica



WASHINGTON DE BESSA BARBOSA JÚNIOR

Editora Fundação Instituto do Livro de Ribeirão Preto
2010

CARNAVAL FESTA DO POVO
Ribeirão Preto como um cenário de representatividade histórica

Prefeita Municipal

Dárcy Vera

Secretária da Cultura

Adriana Silva

Presidente da Fundação Instituto do Livro

Edwaldo Arantes

Diretora de Patrimônio Cultural

Lilian Rodrigues Oliveira Rosa

Conselho Editorial

Adriana Silva

Cristiane Framartino Bezerra

Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa

Michele Cartolano de Castro Silva

Tânia Cristina Registro

1195 - Carnaval festa do povo - Ribeirão Preto como um cenário de representatividade histórica/ Washington de Bessa Barbosa Junior (pesquisa e texto) - Ribeirão Preto, Editora Fundação Instituto do Livro, 2010.

84 pg.; (coleção Identidade Cultural, n.1)

1. Folclore - 2. Carnaval - 3. História de Ribeirão Preto

CDD: 398.0981



foto: Grupo Amigos da Fotografia

Capa - foto Centro Cultural Orunmilá

Sobre o pesquisador

WASHINGTON DE BESSA BARBOSA JÚNIOR é produtor cultural em organização de eventos desde os anos 1970. Dirigente da Comissão do Carnaval e da Liga Carnavalesca por várias vezes ao longo dos últimos 20 anos. Um dos idealizadores do projeto Carnaval do Futuro e grande incentivador das ações de políticas públicas de cultura. Sua proximidade com o carnaval lhe fez um pesquisador do tema e sua história. É Mestre em Direito Público, Psicopedagogo, MBA em Administração Geral, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Pedagogo e Acadêmico em História e Serviço Social. É diretor da ASSOCIAÇÃO TRANSFORMAR DE AÇÃO SÓCIO-COMUNITÁRIA - Centro de Estudos Pesquisas - Rua Major de Carvalho, 46 - Campos Elíseos - 14085-030 - Ribeirão Preto - SP

APRESENTAÇÃO

E a influência estrangeira em nossa formação cultural, foi grande ou pequena? – pergunta o memorialista e grande estudioso Rubem Cione, em seu quarto volume da História de Ribeirão Preto, publicado em 1995. O pesquisador Washington de Bessa Barbosa Júnior acredita que os imigrantes foram “acalprados” após chegarem à cidade, adaptando-se rapidamente aos costumes locais. Muitos concordam com o autor. Outros, como o Dr. Rubem Cione, afirmam que absolutamente a influência dos imigrantes, principalmente os Italianos, é certa.

Sobretudo em se considerando a origem germânica dos principais envolvidos com a riqueza dominante; mais ainda pelo fato de, via dos próprios brasileiros, fazer-se presente o espírito dos lordes britânicos ou dos intelectuais franceses; o próprio gosto pelo teatro, pela música erudita, pelo “vaudeville”, tudo evidencia influência decisiva na formação cultural...

A ópera, a opereta, que da Itália vieram para inaugurar nosso principal teatro, o Carlos Gomes, não seriam um marco a influir em nossa formação? – continua a questionar o ilustre ribeirãopretano.

É em busca de respostas a essas e muitas outras perguntas, que a Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto criou a Rede de Cooperação Identidades Culturais,

formada pelas instituições de ensino superior da cidade e outras entidades parceiras. Na base da proposta está a pesquisa como instrumento para o reconhecimento da cultura de um povo, no caso, o ribeirãopretano.

A Coleção Identidades Culturais surge da necessidade de se difundir o conhecimento adquirido. Doze obras de igual estrutura estão programadas para edição nos próximos três anos, com a adesão de convidados, e uma obra de maior concepção editorial deverá reunir toda a produção intelectual dos pesquisadores da Rede e dos volumes intermediários.

A proposta é uma leitura agradável e acessível; um texto muito mais informativo do que essencialmente analítico. A análise é uma das atribuições dos pesquisadores e meta para a edição completa.

Esperamos estar contribuindo para o diagnóstico das referências culturais de Ribeirão Preto e fortalecimento das identidades desta cidade, tão importante no contexto histórico do país.

Desejamos uma boa leitura a todos.

Adriana Silva
Secretária da Cultura

CARNAVAL

Introdução

Inquestionavelmente o Carnaval chegou ao Brasil pela colonização portuguesa e aqui se fundiu com a cultura indígena local e mais adiante com a cultura negra trazida pelos africanos e, alias é por elas praticamente apropriada e se torna, nestas paragens tropicais,



MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA.

A história do processo "civilizatório" brasileiro é a história da apropriação e praticamente a tentativa do verdadeiro massacre da cultura branca eurocêntrica portuguesa e de outras origens européias sobre as duas culturas que a forma: a indígena e a negra. O carnaval é uma exceção, pois nesta manifestação cultural especificamente ocorre o inverso.

Fala-se também de cooptação, da apropriação pelo homem branco da festa dos pretos. Dupla cooptação: por um lado os negros teriam se deixado penetrar pelas "maneiras brancas de celebrações", até para sobreviver; de outro, os brancos teriam adaptado suas formas de viver às festas, "depurando" o estilo celebrativo criado pelos escravos.

José Carlos Sebe, Carnaval, Carnavais, 1986.

Em 1570 chegaram ao Brasil os primeiros escravos africanos. Logo depois, em 1600, registraram-se as primeiras manifestações carnavalescas no país, os entrudos. Era uma folia na qual as pessoas, portando baldes e latas, atiravam água com limão uns nos outros. Os mais eufóricos, porém, atiravam pedras e dejetos entre si, acabando por criar uma violência tal que obrigou o governo a intervir e proibir os entrudos em 1604.

Em 15 de dezembro de 1640 Dom João IV ascendeu ao trono português e para comemorar sua aclamação surgiram os "préstitos", festas nas quais foliões se fantasiavam com máscaras e saíam às ruas ao som de músicas. Há historiadores que entendem que esta é a primeira manifestação carnavalesca brasileira, pois são

comemorações que se repetiam anualmente.

A partir de 1689, a violência passou a tomar conta da festa. A polícia proibiu o uso de máscaras e de encapuzados no que já se chamava carnaval.

Em 1748, nasceram os congos e cocumbis, folia negra de coroação dos Reis do Congo, realizada pela Confraria do Rosário e de São Benedito. A essas manifestações negras somaram-se, em 1763, os desfiles de carros alegóricos e as comemorações do nascimento do filho primogênito da Rainha D. Maria I. Mais adiante, em 1786, a elas agregaram-se, também, as comemorações do casamento, em Lisboa, de Dom João VI e Carlota Joaquina. Nessa fase a festa era um desfile acompanhado de muita música e dança, com um percurso do Passeio Público até o Campo dos Ciganos, hoje Campo de Santana.

Mesmo proibidos, os entrudos eram um sucesso popular. As lojas da Rua do Ouvidor, na cidade do Rio de Janeiro, lançavam e vendiam, em 1834, máscaras de carnaval que se efetivaram, além de conferirem ares chiques aos entrudos.

A partir do Carnaval de 1848, José Nogueira de Azevedo Paredes, sapateiro português, tomou a iniciativa de sair às ruas do Rio de Janeiro com um bombo (hoje conhecido como surdo). Ele ficou conhecido como "ZÉ PEREIRA" e o povo passou a segui-lo, surgindo assim, o Bloco Carnavalesco.

Em 1862, a Revista Ilustrada resolveu estampar uma figura carnavalesca criada por Henrique Fleuiss, chamado de "REI MOMO" trazendo a ideia do cara

gordo e bonachão que até hoje está no imaginário popular quando falamos dessa personagem carnavalesca atual. Em 1870 surgiu o "Maxixe", ritmo e dança urbana brasileira e com ele a primeira tentativa de criação de uma canção carnavalesca; a música "VIVA O ZÉ PEREIRA" em homenagem ao caricato folião sapateiro português.

Em 1889, a canção carnavalesca ABRE ALAS, composta por Chiquinha Gonzaga para o Cordão Carnavalesco Rosas de Ouro, marcou um novo período de muita musicalidade. A festa ganhou mais atrativos, entre eles, uma grande novidade: o confete e a serpentina, de origem espanhola.

Na década seguinte surgiu o "AFOXÉ", folguedo nascido na Bahia no início do século XX, com as Casas de Candomblé. Manifestação cultural com cantigas de versos em língua yorubana e danças ao som de atabaques, agogôs e ganzás que soam no ritmo ijexá. Expressa essência da cultura negra nos desfiles de carnaval, inclusive o caráter religioso vivenciado no candomblé. Representam os mais diversos elementos da tradição africana, em especial do povo yorubá (a maior parte da população yorubana concentra-se na Nigéria).

Com a abolição da escravatura, o final da Guerra de Canudos e a Proclamação da República, no final do século XIX, muitas baianas transferiram-se para a cidade do Rio de Janeiro, entre elas, Tia Ciata, Tia Amélia (Mãe de Donga), Tia Veridiana, Tia Preciliana de Santo Amaro e outras. Instaladas na nova cidade,

começaram a realizar rodas de samba e de candomblé, cultivando ritos africanos, saudando os Babalaôs com cantos de candomblé e macumbas, de beleza musical intensa e até com certo lirismo, aos quais se mesclavam melodias da época (polcas, habaneras, maxixes, choros e lundus). Novas músicas iam aparecendo, com ritmo em marcação do que conhecemos hoje como Samba.

Em 28 de abril de 1928, um grupo de sambistas, num bate papo defronte a uma escola de normalistas, teve a ideia de fundar uma escola de samba. Foi quando nasceu a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira e no mesmo ano surgiu a Escola de Samba Deixa Falar (atual Estácio de Sá), e o samba apropriou-se do carnaval de rua carioca e do Brasil.

Ribeirão Preto recebeu influência desta manifestação cultural, tendo entre suas escolas, os Bambas, com atividade iniciada em 1927, estando, portanto, entre as mais antigas do país. É sobre essa história e toda a relação cultura/sociedade de que se trata esta obra.

foto: Acervo Marlene Oliveira da Silva - Porta Bandeira Rita Oliveira - Praça XV





foto: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

**O CARNAVAL EM
RIBEIRÃO PRETO
Até a década de 1960**

Ribeirão Preto apresenta uma diversidade que lança raízes na primeira metade do século XIX, antes mesmo da sua fundação oficial, em 19 de junho de 1856. Com presença mais ou menos expressiva, imigrantes europeus, em especial italianos, migrantes mineiros e os africanos, formaram a base cultural da cidade.

A presença portuguesa existia, mas não era tão expressiva, razão que talvez explique porque praticamente não se ouve falar de manifestações como o "entrudo português".

Registram-se poucos eventos carnavalescos no final do século XIX, pelo fato da população residir majoritariamente na zona rural, vindo ao núcleo urbano que se consolidava, por motivos religiosos. No início do século XX, ouvia-se falar dos bailes carnavalescos de associações, como a Sociedade Recreativa de Esportes. Posteriormente, por conta da imigração, no Palestra Itália, nos Campos Elíseos, no Poliesportivo do Botafogo, na Vila Tibério, na Societá Dante Alighieri e na Sociedade Sírio-libanesa, no centro da cidade. Instituições de caráter operário também promoviam os bailes de carnaval, como a União Geral dos Trabalhadores, posteriormente Clube José do Patrocínio.

No começo do século, nos tempos áureos do café, três manifestações culturais carnavalescas se destacavam na cidade e faziam fama em todo o interior do estado.

- Os cursos carnavalescos, em carros alegóricos, muitos com patrocínio

de empresas da cidade e carros de passeio, trazendo pessoas da alta sociedade que, após os desfiles de rua, seguiam para os bailes de salão da elite;

- Os cordões carnavalescos, realizados nas proximidades da Estação de Trem da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, com a participação da população mais humilde da cidade. Nessa manifestação de rua, as pessoas desfilavam a pé, em grupos, normalmente fantasiadas, após a qual seguiam para os bailes de salões operários;
- Os bailes carnavalescos de Salão.

Não é possível tratar de carnaval no começo do século XX em Ribeirão Preto, sem mencionar François Cassoulet. Francês, da Córsega, chegou à cidade antes de 1900, atraído pelo Eldorado Cafeeiro Paulista e tornou-se um empresário prestigiado das diversões na cidade, com destaque para o Cassino Eldorado, de sua propriedade.

Em 1903, numa cidade com aproximadamente 20 mil habitantes, conta que ocorreu o primeiro desfile de carros alegóricos, incentivado por Cassoulet. Os carros alegóricos eram montados em carroças puxadas por vistosos cavalos fantasiados com seus arrebiques e paramentos especiais, trazendo sobre eles os nobres foliões da cidade. Os carros motorizados chegaram ao desfile em 1916. Era



Foto: Aristides Motta - Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

o curso carnavalesco.

O trajeto dos veículos era feito pelas ruas do quadrilátero central. O curso, em alguns anos funcionava num sentido único e em outros anos nos dois sentidos de direção, com duas filas, uma contrária à outra. O acesso ao curso poderia ser feito nas esquinas da Rua Saldanha Marinho com Mariana Junqueira (então Rua do Comércio); Rua São Sebastião com Barão do Amazonas (ou Visconde de Inhaúma) e a saída por qualquer rua que desse acesso. Os carros, participantes do curso, adquiriam um selo de cooperação da prefeitura, que passou a organizar os festejos.

A Rua General Osório e a esplanada do Theatro Pedro II eram destinadas exclusivamente aos foliões a pé dos cordões carnavalescos (até os anos 30) e depois, das escolas de samba (a partir dos anos 30).

Tanto nos corsos como nos cordões carnavalescos, não faltavam confete, serpentina, bisnagas d'água e lança-perfume (então de uso permitido). Fala-se ainda, de uma banda, provavelmente a do Maestro José Delfino Machado, que tocava marchinhas carnavalescas pelas ruas da cidade.

Em Ribeirão Preto até a década de 1920, a presença da população negra no carnaval era restrita, quando então, os folgedos locais tinham a predominância do carnaval de estilo burguês (Von Simson, 1991, p.54). O carnaval local era marcado por desfiles luxuosos dos "clubs" das famílias abastadas, como o "Club dos Lords" e a "Família Sétimo Céu", pelas principais ruas da cidade e na Praça XV com carros alegóricos seguidos de outros eventos como as "Marche Flambeaux", "Batalhas de Confetes no jardim público" e os "Bailes de Máscaras" que ocorriam no Teatro Carlos Gomes (Jornal Diário da Manhã, 04/02/1910).

O mesmo Teatro, até o final de 1919, servia como espaço de entretenimento para os imigrantes e às famílias nacionais abastadas, que ali realizavam bailes promovidos por seus "clubs" (Tuon, 1997, p.129-131). No final dos anos de 1920, e sobretudo na década de 1930, passou a comportar a presença da população negra, com seus bailes, que aconteciam ao longo do ano e no período de carnaval.

foto: acervo Marlene Oliveira da Silva, homenagem ao senhor Bento (o Bentão)

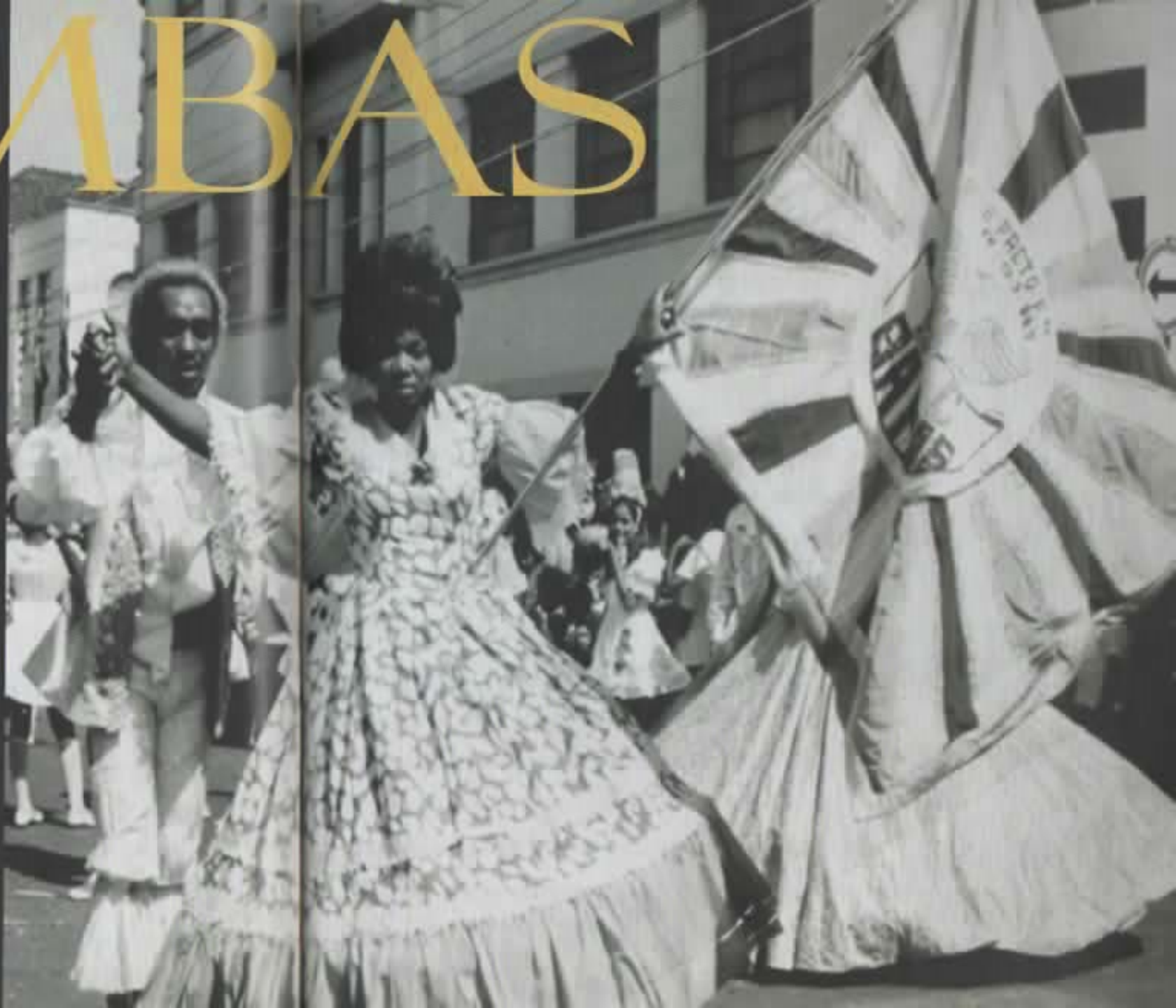


Eu ia no teatro e fico boba de ouvir os outros dizer que não conhece teatro e digo, "eu vou desde criança, sempre assisti, conheci artistas negros, era teatro de revista naquele tempo. Tinha o Carlos Gomes, eu conheci, era uma beleza, frequentei muito. Não sei por que derrubaram. Tinha bailes ali, em cima era o salão, o carnaval. Eu era menina. Nos bailes de carnaval era separado preto e branco. (dona Jenny, 77 anos). Sérgio Luiz de Souza, p.166.

BAMBAS

Em 10 de março de 1927 nasceu a primeira organização carnavalesca de Ribeirão Preto, com a fundação da Sociedade Dansante Carnavalesca Bambas, que surgiu um ano antes da Estação Primeira de Mangueira, do Rio de Janeiro. Apesar de haver concordância sobre o início das atividades dos Bambas, a entidade só foi oficializada como pessoa jurídica em 1933, quando registrou seu primeiro Estatuto Social. A fundação foi uma iniciativa das famílias Santos e Amâncio que se reuniam debaixo de uma frondosa mangueira existente no local onde hoje se encontra a confluência das ruas Tamandaré e Capitão Salomão, nos Campos Elíseos.

foto: acervo Marlene Oliveira da Silva - Porta Bandeira Rita de Oliveira e Mestra Sala Darci



Em 19 de fevereiro de 1936 o Ato 44 do Prefeito Municipal nomeou como comissão responsável pelos festejos carnavalescos o Doutor João Palma Guião (Procurador Fiscal da Prefeitura) e o presidente da Associação Commercial dos Empregados do Comércio de Ribeirão Preto.

Uma dissidência nos Bambas, em 1937, fez nascer a segunda agremiação carnavalesca da cidade, a Sociedade Dansante e Familiar dos **Meninos e Meninas Lá de Casa**, liderada por Geraldo Januário, iniciando uma disputa no carnaval de rua. A competitividade esquentou ainda mais quando, em 1957, outra dissidência nos Bambas levou à criação da Associação Esportiva, Recreativa e Beneficente dos **Aliados**, por iniciativa de sambistas como Geraldo José Miguel e Florentino Barbosa dos Santos, pai do sambista Fulô.

Até meados de 1960 era o trio que polarizava o carnaval de rua de Ribeirão Preto: Bambas e Aliados, vindos dos Campos Elíseos e os Meninos e Meninas Lá de Casa, da Vila Virgínia.

Com o Decreto nº 650, de 11 de fevereiro de 1958, a Prefeitura Municipal instituiu uma premiação, em dinheiro, para os três primeiros colocados no concurso dos desfiles carnavalescos.

Os quesitos de julgamento eram: ritmo, evolução, disciplina, canto, indumentária, animação, apresentação, quantidade de figurantes, organização, enredo (histórico, folclórico, crítico-social ou humorístico).

Ainda nos anos 60, aconteceram concursos de resistência, nos quais os foliões dançavam 24 horas sem parar, das 20 horas do sábado até às 20 horas do domingo, sobre um palanque montado na esplanada do Theatro Pedro II, junto à sede provisória do Departamento de Cultura e Turismo que ali instalava-se no período do tríduo momístico.

Outra novidade no carnaval de rua da cidade, entre 1960 e 1970, foi o desfile de carros alegóricos independentes, montados por empresas da cidade, que fazia muito sucesso. Os carros

alegóricos apresentavam-se intercalados entre os desfiles de escolas de samba. A abertura do desfile era feita pelo carro alegórico da Corte Real de Momo, decorado pela municipalidade (tradição mantida até os dias atuais) e por apresentação de uma das bandas da cidade, com destaque para a banda do Educandário e do Colégio Marista. Hoje esta tradição, que se perdeu nos anos de 1980, foi substituída, a partir de meados de 1990, pela apresentação do Afoxé Omo Orùnmilá.

O Carnaval em Ribeirão Preto teve o amparo e a participação do poder público oficializado em 1962, através da Lei 1.213 de 20 de agosto, sancionada pelo Prefeito Municipal Alfredo Condeixa Filho que destinou verba ao evento.

Em 1963 uma Comissão de Carnaval foi nomeada, composta pelo professor Antonio Palocci, Ari Geraldo de Souza, José Milena e Ervio Berti, repetindo um ato de 1936 e abrindo espaço para a existência de uma comissão permanente a partir de 1965.

Nesse mesmo ano, ao estabelecer uma verba de um milhão de cruzeiros para organizar os festejos carnavalescos populares (premiação às escolas de samba e ornamentação de vias públicas), a Câmara Municipal, com a sanção do Prefeito Municipal, criou uma Comissão Municipal do Carnaval designada pelo Chefe do Executivo para organizar o carnaval de rua na cidade (Lei Municipal 1.549, de 10 de março de 1965). Nasceu então, a **Comissão Municipal do Carnaval**.

foto: Grupo Amigos da Fotografia



Em 1964 por uma iniciativa do bairro Vila Tibério, foi criada uma nova escola de samba, a **Amigos da Vila**, que não vingou mesmo com uma nova tentativa em 1969 como: Escola de Samba **Independentes de Vila Tibério**.



DO APOGEU DO CARNAVAL DE RUA NOS ANOS 60, 70 À DECADÊNCIA DOS ANOS 80

Ribeirão Preto de hoje será que se tornou incapaz de promover festejos carnavalescos à altura de suas tradições?

Lívio Alonso - O Diário, 17/02/1974

A chegada da família CALDAS DURÃO à cidade, proveniente do Rio de Janeiro e a dissidência dos Aliados, em 1965, fez nascer a Escola de Samba "**Acadêmicos de Vila Paulista**" e com ela, uma profunda transformação em todo o carnaval de rua da cidade.

Raimundo Pena Forte Caldas Durão, ou simplesmente Durão, como era mais conhecido, empresário de sucesso e um apaixonado pelo carnaval de rua, investiu muito na sua escola de samba a "Acadêmicos de Vila Paulista" e com isto entrou na acirrada disputa do trio: Bambas, Aliados e Meninos e Meninas Lá de Casa, nesse caso com um diferencial, bons conhecimentos carnavalescos e autonomia e independência em relação aos recursos públicos governamentais.

Carlinhos Durão, filho do velho Raimundo Durão, era o artista da família e trouxe para a cidade seus conhecimentos e experiência nos aspectos técnicos do carnaval do Rio de Janeiro. Está aí a origem do forte vínculo carnavalesco, guardadas as devidas proporções, entre Ribeirão Preto e o Rio de Janeiro. Esse vínculo nunca mais foi desfeito. Até hoje, todas as tradições carnavalescas locais têm por base a capital carioca e não a capital paulista, como seria de se supor.

Os Acadêmicos acabaram funcionando efetivamente com sua sede administrativa na própria empresa da família, na Avenida Francisco Junqueira, uma casa de comércio de rolamentos e correlatos; mas os ensaios ocorriam numa região da cidade conhecida como bairro do Retiro, apelidada de Bangu (referência ao





foto: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - baile carnavalesco na Cava do Bosque

bairro do mesmo nome carioca de habitantes majoritariamente negros), espaço aos pés do Morro do Cipó, nas imediações de onde hoje é o ginásio da Cava do Bosque. Ali naquelas imediações, após a abolição, passaram a se concentrar as famílias negras da periferia da cidade, próximo à estrada de saída para São Paulo (atual Rua Henrique Dumont) e dos primeiros cafezais.

Um carnaval de salão se destacava nos anos 60, era o "Carnaval do Caverna" que acontecia no espaço conhecido como a "Caverna do Diabo", normalmente frequentado por jogadores de sinuca, usuários do salão de jogos e bar ali existentes nos porões do Theatro Pedro II, na Praça XV de Novembro, já decadente e transformado em cinema popular com sua beleza arquitetônica interna encarcerada por detrás de painéis e lambris.

Entre 1965 e 1975, o carnaval de rua de Ribeirão Preto teve sua época grandiosa, com os espetáculos de luxo e beleza apresentados pela "Acadêmicos de Vila Paulista", que agregava ao valor técnico/histórico tradicional e cultural do nosso carnaval de rua a condição de show e espetáculo, atraindo espectadores ao desfile. Logicamente isto passou a exigir maior profissionalismo na produção dos desfiles e mais investimentos, cobertos

Luiz Carlos Nascimento



inicialmente por verbas públicas destinadas pelo Poder Público e por alguma acanhada contribuição da iniciativa privada, através de patrocínios do comércio e da indústria local.

No dia 12 de maio de 1966, durante uma apresentação da escola de Samba Acadêmicos de Vila Paulista, em Uberaba, MG, ocorreu uma séria desavença entre um grupo de integrantes da agremiação sob a liderança do mestre sala Luiz Carlos do Nascimento. Embora estremecido, participou do Carnaval de 1967, mas a relação entre os integrantes ficou insustentável após o fato.

A dissidência na Acadêmicos de Vila Paulista se efetivou por conta do entrevero ainda não superado. Em virtude disso, nasceu em 20 de

novembro de 1967 a Escola de Samba dos **Embaixadores dos Campos Elíseos**, liderada pelo mestre sala Luiz Carlos do Nascimento, considerado, à época, excepcional mestre de bateria.

Em 1967 a verba destinada pela municipalidade para os festejos carnavalescos foi de quatro milhões de cruzeiros da qual ficou permitido um auxílio de até dois milhões de cruzeiros para duas das escolas de samba da cidade, Bambas e Meninos e Meninas Lá de Casa (Lei Municipal nº. 1877/1967), provavelmente porque Acadêmicos de Vila Paulista não utilizava verba pública, os Embaixadores dos Campos Elíseos estavam estreando nos desfiles e a Aliados estivesse ausente.

Carlinhos Durão provocou uma convenção de dirigentes e sambistas. Nessa convenção foi firmada a primeira carta do samba de Ribeirão Preto, documento pelo qual as agremiações carnavalescas locais passaram a adotar a estrutura e os parâmetros técnicos que as consolidava, efetivamente, como escolas de samba, incorporando não apenas o nome, mas todos os aspectos tradicionais cariocas dessa manifestação carnavalesca, entre os quais os quesitos de julgamento adotados na cidade do Rio de Janeiro; bateria e samba de enredo, destaques e fantasias, enredo, coreografia, passistas, mestre sala e porta bandeira, ordem e disciplina.

Em 1968, por iniciativa de José Fioravante Betton, presidente da

cruzada para tentar obrigar as escolas de samba a cumprirem os horários estabelecidos para o desfile, em respeito à organização e ao público espectador. A disciplina passou a ser fator importante no carnaval de rua da cidade.

Em 1969/1970 surgiu a Escola de Samba do Tanquinho, que acabou se fundindo com os Embaixadores dos Campos Elíseos. Logo em seguida, Luiz Carlos do Nascimento conheceu o sempre polêmico Alberto Salles Pereira, eletricitista de profissão e que já estava envolvido com o carnaval, participando da fundação da Academia de Samba do Ipiranga, com Mestre Oscarzinho e tido uma passagem pelos Aliados e outras agremiações, surgindo entre eles uma amizade que levou Alberto a assumir a presidência dos Embaixadores dos Campos Elíseos, consolidando a dupla Alberto Salles e Mestre Nascimento, que levou os Embaixadores ao sucesso.

Para manter as escolas, os dirigentes criaram o "Livro de Ouro", que tinha como objetivo arrecadar

fundos junto ao comércio local. Em 1970, o Clube dos Diretores Lojistas se insurgiu publicamente contra essa prática, em decorrência do pouco controle e indícios de que parte dos recursos acabava desviado por ação de pessoas não tão bem intencionadas, infiltradas entre os verdadeiros sambistas. Defendia o presidente do CDL que a obrigação de apoio ao evento cultural era do poder público. Uma reunião entre os presidentes do Clube e da Liga Regional de Escolas de Samba pacificou o assunto, tentando por ordem na captação de recursos junto aos empresários.



foto: Grupo Amigos da Fotografia

O CRUZEIRO
CARNAVAL 72

RIBEIRÃO PRETO O MELHOR DO INTERIOR PAULISTA

Reportagem de ARTURUS LOCO

revista do acervo pessoal de Adriana Silva



...cidade ribeirã e
...o carnaval, o povo
...de Ribeirão Preto
...o melhor do interior paulista
...o sucesso absoluto, deixando, porém, de acontecer, após a extinção da Companhia
...de Turismo - COMTURP, que o organizava.

O BAILE, UM SUCESSO

...o baile, um sucesso
...o sucesso absoluto, deixando, porém, de acontecer, após a extinção da Companhia
...de Turismo - COMTURP, que o organizava.

...O SUCESSO

...o sucesso absoluto, deixando, porém, de acontecer, após a extinção da Companhia
...de Turismo - COMTURP, que o organizava.

...o sucesso absoluto, deixando, porém, de acontecer, após a extinção da Companhia
...de Turismo - COMTURP, que o organizava.

Em 1972 surgiu o Baile de Gala Oficial do Carnaval de Ribeirão Preto, com concurso de fantasias, realizado na Sociedade Recreativa e de Esportes da cidade. O baile acontecia na semana anterior ao carnaval e sua primeira versão foi um sucesso absoluto, deixando, porém, de acontecer, após a extinção da Companhia de Turismo - COMTURP, que o organizava.



Ribeirão Preto, cidade de 218 mil habitantes, centro de uma região geo-econômica de quatro milhões de almas, "metrópole da Mogiana" e Capital do Café, resolveu este ano acrescentar mais um título ao seu cartel: o de melhor carnaval.

Revista Cruzeiro, fevereiro de 1972

Também em 1972 a Rádio 79 organizou uma roda de samba na esplanada do Teatro Pedro II, no sábado anterior ao carnaval. No sábado de carnaval, o radialista Porto Alegre, coordenou um desfile infantil de fantasias na própria esplanada, após a cerimônia de entrega pelo prefeito municipal das chaves da cidade ao Rei Momo, tradição esta que até hoje ainda é respeitada.

Em 1973, Mestre Oscarzinho sugeriu que cada Emissora de Rádio local apadrinhasse uma escola de samba e que a Comissão do Carnaval providenciasse a gravação dos sambas de enredo das escolas para facilitar a sua divulgação e principalmente sua preservação histórica, algo que só acabou se efetivando muitos anos depois.

Também naquele ano de 1973 gestores carnavalescos começaram a discutir a escolha de um local definitivo para os desfiles e a necessidade de desenvolvimento de um programa de carnaval o ano todo. O Rei Momo, um líder estudantil universitário, defendia também a implantação de uma comissão de carnaval permanente e a implantação de arquibancadas na passarela do samba para melhor acomodar o público, discussões recorrentes do carnaval local, algumas ainda hoje na pauta dos festejos.

Em 1974 Alberto Salles rompeu com os Embaixadores dos Campos Elíseos, colaborou com a Academia de Samba do Ipiranga e ao final dos desfiles, anunciou a criação, em companhia de Carlos Roberto Albuquerque Lobo, Luiz

foto: Associação Unione Italiane e Socorros Mutuos - Porto Alegre entrevista Piná



Cândido Miranda e Julio Vieira da Escola de Samba **Unidos de Vila Tibério**. A iniciativa acabou não se consolidando e Alberto se reconciliou com os Embaixadores, retomando a dupla com Mestre Nascimento.

Ainda em 1974, a novidade do carnaval foi a banda musical do Colégio Marista, apresentando marchinhas carnavalescas no desfile, retomando a antiga tradição do carnaval de rua. Nesse ano aconteceu também, na "Passarela do Samba" local, a apresentação da escola de samba Mocidade Operária de Cravinhos.

Antônio Palocci, homem forte da cultura ribeirãopretana, defendeu publicamente a ideia da transferência da "Passarela do Samba" para a rotatória Amin Calil (Avenida Costa e Silva), sonhando com a cobertura do córrego Ribeirão Preto sobre a praça, para uma grande área de shows e apoteose do desfile carnavalesco.

Na efervescência carnavalesca de 1974, Luiz Carlos Nascimento iniciou uma cruzada para que os jurados deixassem a cabine única e fossem espalhados por toda a avenida, de forma a garantir uma boa apresentação em todo o percurso e não apenas defronte ao palanque oficial. A ideia acabou adotada e permanece até os dias atuais.

No carnaval de salão, ainda em 1974, a prefeitura municipal assumiu iniciativa de regulamentar a realização no Ginásio da Cava do Bosque do grande Baile Carnavalesco Popular, que já era uma tradição por muitos anos. Abriu-se uma

licitação pública, cujo edital foi publicado no Diário Oficial do Município, de 17 de janeiro de 1974 (Proc. 003/74-GOV-S), vencendo-a a entidade que já vinha organizando-o e que foi a única licitante, a Sociedade Esportiva Palmeiras, entidade tradicional do Ipiranga.

Dessa atuação da entidade, com ampla participação popular nasceu, em 1976, a ideia de criação de uma escola de samba própria, consolidada em 1977, quando surgiu a Escola de Samba do Palmeirinha, que realizou grandes carnavais com a presença do Mestre Nascimento, que havia deixado a Escola de Samba Embaixadores dos Campos Elíseos.

Depois de apresentar por alguns anos lindos espetáculos carnavalescos, a morte de Betton tirou a agremiação da rua, fato que levou o Mestre Nascimento a se reconciliar e retornar à Embaixadores, onde permanece até hoje.

Em 1976 a Acadêmicos de Vila Paulista realizou sua derradeira apresentação no carnaval de rua da cidade. A Embaixadores dos Campos Elíseos assumiu a liderança dos desfiles, desafiada pelos Bambas e Aliados. A Academia de Samba do Ipiranga manteve apresentações simples e humildes, não conseguindo o glamour estético-plástico-visual das demais, enquanto a Meninos e Meninas Lá de Casa também começava a dar sinais de declínio.

Nasceu, em meados dos anos de 1970, o que de início era uma brincadeira de alunos e médicos residentes da USP vestidos caricatamente de mulher, o Bloco

"O bloco "Os Alegres" foi para as ruas da cidade pela primeira vez em 2006. A iniciativa de criá-lo foi de um grupo de amigos, assim como o bloco das Piranhas, na década de 1970.

Foto: Perci Guzzo



das Piranhas, uma grande festa pré-carnavalesca na Avenida Nove de Julho, tradição que acabou nos anos 1990.

Foi nesse período 1977/1978, que a infiltração de pessoas pouco sensibilizadas com a manifestação cultural carnavalesca se intensificou em algumas Agremiações, com interesses outros, mais pessoais, nos recursos financeiros que o Poder Público destinava à produção do espetáculo carnavalesco. O clima de imoralidade foi crescendo ano a ano a ponto de agremiações receberem recursos e não se apresentarem pura e simplesmente, expondo os verdadeiros sambistas a uma situação vexatória.

Os verdadeiros sambistas, pouco afeitos aos problemas burocráticos e administrativos, e mais preocupados com a manifestação em si, acabavam sendo manipulados. O Poder Público por sua vez, omitiu-se diante dos problemas pelos quais passava o carnaval. Liberava verbas sem critério e acompanhamento, apenas e tão somente para cumprir um ritual político de apoiar as festividades carnavalescas.

Os presidentes das agremiações sérias se reuniram e resolveram reestruturar o carnaval de rua da cidade, em quase decadência, impedindo que dirigentes de agremiações participassem da entidade carnavalesca dirigente; a Liga Regional de Escolas de Samba conduziu à sua direção, a convite de Alberto Salles, o artista local Rubens dos Reis Guerra.

A tentativa não surtiu efeito devido à oposição de alguns dirigentes e a

falta de apoio do Poder Público que demonstrou interesse na ação, mas não lhe deu a sustentação necessária.

Uma discussão acirrada entre o jornalista José Fernando Chiavenatto e o presidente da Liga ganhou espaço naquele período. Em sua coluna, no Jornal O Diário da Manhã, Chiavenatto publicava fortes críticas às ações de Rubens Guerra que apesar de responder a todas as provocações acabou sucumbindo, demitindo-se.

No dia 14 de julho de 1978 foi fundada a Aliança das Escolas de Samba de Ribeirão Preto, para substituir a Liga Regional e reforçando-se o hábito de dirigentes de Agremiações ocuparem sua presidência. No mesmo dia, após aprovação da Câmara Municipal, o prefeito Duarte Nogueira sancionou a Lei Municipal nº. 3.463/1978, que tornou a Comissão Municipal do Carnaval permanente, funcionando, portanto, o ano todo e não apenas às vésperas do evento carnavalesco, permitindo o desenvolvimento de uma política pública para o carnaval da cidade.

Um grupo de ex-integrantes da Acadêmicos de Vila Paulista e dos Aliados se rearticulou e em dezembro de 1978, sob a liderança de uma das sambistas, Mônica Divina Rosa, fundou a Escola de Samba **Mocidade Independente Chuva De Prata**, nas imediações da Cava do Bosque. A nova agremiação desfilou com sucesso em 1978, mas não conseguiu repetir o intento no ano seguinte,

desaparecendo em seguida.

Outro grupo de integrantes da Meninos e Meninas Lá de Casa se rearticulou sob a liderança de Wilson Pereira dos Santos, e criou a Escola de Samba **Rosas de Ouro**, fundada no bairro Vila Virgínia, em março de 1979. Com as mesmas dificuldades da Escola de origem, conseguiu se apresentar até 1985, quando também desapareceu. Em 1979, um grupo da torcida jovem do Botafogo Futebol Clube, da Vila Tibério, se apresentou como um bloco carnavalesco na esplanada do Teatro Pedro II e tentou articular uma agremiação carnavalesca, mas não conseguiu consolidá-la. O tradicional bairro operário da cidade parecia fadado a nunca ter uma escola de samba.

A partir daí os espetáculos vistos na esplanada do Theatro Pedro II e na Avenida da Saudade foram ficando cada vez mais modestos no quesito beleza visual. O samba no pé do humilde sambista, que atônito via sua manifestação cultural perdendo-se dia-a-dia, se manteve, e os espectadores também se mantinham fiéis e presentes aos desfiles, embora lamentando o espetáculo apresentado.

O problema era gerencial e as entidades começaram a perder o protagonismo popular e a capacidade de mobilização comunitária. Como resultado da falta de articulação, as escolas começaram a perder contingente, recorrendo à importação de figurantes de outras cidades e outros métodos que

Reestruturação do Carnaval de Rua de Ribeirão Preto

descaracterizavam a produção carnavalesca como fruto da ação artístico-cultural das comunidades locais.

Entre 1983 e 1984, o carnaval de rua ainda foi realizado nos moldes anteriores, demonstrando cada vez mais a decadência estético-visual do espetáculo, afastando os sambistas mais novos e mantendo apenas os mais velhos, que guardavam viva a esperança de dias melhores.

A expectativa estava no velho sonho da criação da uma Secretaria da Cultura que só aconteceu em abril de 1984.

O carnaval de salão era o ponto alto dos festejos carnavalescos nas décadas de 1970 e início da década de 1980. Os grandes bailes da Sociedade Recreativa e de Esportes, Ipanema Clube, Palestra Itália, Clube de Regatas, Caiçara Country Clube, Sociedade Nipo-Brasileira, José do Patrocínio, Sociedade Socorros Mútuos, Societá Dante Alighieri, Sociedade Auxiliadora dos Chouffeurs, Associação Desportiva da Polícia Militar, Clube Atlético Paulista, Sociedade Esportiva Palmeiras (atual Clube Atlético Brasileiro), Cidade Náutica, SESC e Clube da Velha Guarda, Ginásio da Cava do Bosque (Baile Carnavalesco Popular), Poliesportivo do Botafogo Futebol Clube, em Vila Tibério, Associação dos Cabos e Soldados, entre outros.

A partir de 1985, um grupo de técnicos do poder público, juntamente com os sambistas, iniciou a construção de uma proposta de ação denominada Programa Carnaval do Futuro, objetivando:

- Fortalecer os verdadeiros sambistas e combater possíveis desvios de identidade no carnaval de rua e de salão da cidade;
- Moralizar o carnaval e suas relações com o poder público e a iniciativa privada, reestruturando-as;
- Promover a disciplina e a competição como formas de crescimento e melhoria estético-plástico-visual;
- Buscar a estruturação física das agremiações, criando ponto de referência na comunidade e transformando-a em agente social;
- Democratizar e dar mais transparência na gestão do carnaval;
- Produzir espetáculos carnavalescos lastreados no protagonismo popular, na mobilização comunitária e no profissionalismo, racionalizando o uso dos recursos;
- Promover a preservação das tradições, fomentando o voluntariado, gerando emprego e renda e uma autonomia e independência das

agregações;

- Fortalecer a entidade carnavalesca dirigente preparando-a para assumir a gestão de toda a organização técnica dos festejos, deixando ao poder público a área, estrutura e a organização das competições;
- Melhorar as condições de planejamento estratégico das entidades e a produção dos espetáculos incentivando uma participação mais efetiva da iniciativa privada no apoio às ações;
- Melhorar as condições de conforto do público espectador, implantação da "Passarela do Samba" com ampliação dos serviços disponíveis ao público presente e a transmissão de imagem e sons dos desfiles ao vivo;
- Resgatar e preservar a história do carnaval como patrimônio cultural imaterial local.

A primeira iniciativa foi transferir o local dos desfiles, pois o Sistema Trólebus, que trafegava pela Avenida da Saudade desde o início da década de 1980, dificultava o desfile naquela via. Por outro lado, os paralelepípedos no centro da cidade não permitiam um desfile adequado, além do que, este era feito na Rua General Osório "morro acima", totalmente dificultoso para os passistas. O local escolhido foi a Avenida Costa e Silva, pista sentido bairro-centro, a partir da Rua

Goiás, que acabou se ampliando, posteriormente, da Rua Amazonas e, depois, da Rua Conde Francisco Matarazzo. A partir de 1985 passou a funcionar naquele local, a Passarela do Samba de Ribeirão Preto.

Três novidades marcaram o desfile em 1985: a primeira arquibancada do desfile carnavalesco, utilizando-se de estruturas alugadas do circo do popular Biriba; a retomada de denominações aos carnavais com a titulação de CARNAVAL DOS CARNAVAIS e a participação de blocos de imigrantes de diversas nacionalidades, com destaque à expressiva participação da Comunidade Nipo-Brasileira.

Já em 1986, o destaque do CARNAVAL SIDERAL (marcando a passagem do Cometa Harley) foi a construção, em tempo recorde, de arquibancadas próprias e permanentes para 3.000 pessoas, com 10 camarotes, palanque oficial e cabine de jurados própria. Outras duas novidades, no mesmo ano, foram a decoração da avenida com imensos painéis temáticos produzidos por artistas locais e a homenagem, entre os carnavalescos, com seção dos títulos de CIDADÃO DO SAMBA e de CIDADÃO EMÉRITO DO CARNAVAL, iniciativa mantida até os dias atuais. O primeiro destinado aos sambistas que inscreveram seus nomes na história do Carnaval da cidade e o segundo às pessoas que mesmo não sendo sambista, colaboraram e contribuíram para o sucesso e a preservação desta importante manifestação cultural. OSCAR CARDOSO DA SILVA, Mestre Oscarzinho

agregiações;

- Fortalecer a entidade carnavalesca dirigente preparando-a para assumir a gestão de toda a organização técnica dos festejos, deixando ao poder público a área, estrutura e a organização das competições;
- Melhorar as condições de planejamento estratégico das entidades e a produção dos espetáculos incentivando uma participação mais efetiva da iniciativa privada no apoio às ações;
- Melhorar as condições de conforto do público espectador, implantação da "Passarela do Samba" com ampliação dos serviços disponíveis ao público presente e a transmissão de imagem e sons dos desfiles ao vivo;
- Resgatar e preservar a história do carnaval como patrimônio cultural imaterial local.

A primeira iniciativa foi transferir o local dos desfiles, pois o Sistema Trólebus, que trafegava pela Avenida da Saudade desde o início da década de 1980, dificultava o desfile naquela via. Por outro lado, os paralelepípedos no centro da cidade não permitiam um desfile adequado, além do que, este era feito na Rua General Osório "morro acima", totalmente dificultoso para os passistas. O local escolhido foi a Avenida Costa e Silva, pista sentido bairro-centro, a partir da Rua

Goiás, que acabou se ampliando, posteriormente, da Rua Amazonas e, depois, da Rua Conde Francisco Matarazzo. A partir de 1985 passou a funcionar naquele local, a Passarela do Samba de Ribeirão Preto.

Três novidades marcaram o desfile em 1985: a primeira arquivancada do desfile carnavalesco, utilizando-se de estruturas alugadas do circo do popular Biriba; a retomada de denominações aos carnavais com a titulação de CARNAVAL DOS CARNAVAIS e a participação de blocos de imigrantes de diversas nacionalidades, com destaque à expressiva participação da Comunidade Nipo-Brasileira.

Já em 1986, o destaque do CARNAVAL SIDERAL (marcando a passagem do Cometa Harley) foi a construção, em tempo recorde, de arquivancadas próprias e permanentes para 3.000 pessoas, com 10 camarotes, palanque oficial e cabine de jurados própria. Outras duas novidades, no mesmo ano, foram a decoração da avenida com imensos painéis temáticos produzidos por artistas locais e a homenagem, entre os carnavalescos, com seção dos títulos de CIDADÃO DO SAMBA e de CIDADÃO EMÉRITO DO CARNAVAL, iniciativa mantida até os dias atuais. O primeiro destinado aos sambistas que inscreveram seus nomes na história do Carnaval da cidade e o segundo às pessoas que mesmo não sendo sambista, colaboraram e contribuíram para o sucesso e a preservação desta importante manifestação cultural. OSCAR CARDOSO DA SILVA, Mestre Oscarzinho

Mestre Oscarzinho



foto: Mis - Museu da Imagem e do Som - Fotógrafo: Newton Barbosa

Sociedade Esportiva Palmeiras, aconteceu o primeiro baile popular de carnaval no Ginásio Gavino Vides (Cava do Bosque) que foi um sucesso e permaneceu no carnaval da cidade por muitos anos.

Um ano depois, Oscar Cardozo da Silva, o Mestre Oscarzinho, que acabara de chegar de Barretos e se tornara integrante da Escola de Samba Bambas rompeu com a agremiação e com um grupo de amigos, associados a uma dissidência dos Embaixadores, fundaram a Escola de Samba **Academia de Samba do Ipiranga**.

Surgiu então a ideia de dar um nome ao carnaval de cada ano, o primeiro foi denominado de "Carnaval Pra-Frente" ou "Carnaval Forte", seguido em 1970 pela denominação "Carnaval Pa-tro-pi" ou "Carnaval Tropical". Esta tradição se perdeu e só foi retomada em 1985.

Os festejos carnavalescos da cidade passaram a compor o Calendário Oficial Turístico do Município, em 1969, por força do Decreto Municipal nº. 2.196, de 14 de fevereiro. Estreou, no carnaval da cidade, o Concurso de Veículos Ornamentados, com a apresentação de calhambeques e carros abertos nos festejos carnavalescos de 1969.

Dia 15 de novembro de 1969 nasceu a Liga Regional de Escolas de Samba de Ribeirão Preto, a primeira entidade carnavalesca dirigente da cidade, para representar coletivamente as agremiações e com o poder público, fiscalizar o respeito à tradição e à disciplina nos desfiles. Surgiu também a iniciativa de uma

foi o primeiro CIDADÃO DO SAMBA da cidade.

Neste ano ainda, representantes das agremiações e técnicos da Secretaria da Cultura participaram do II Encontro do Samba Paulista na cidade de Santos, organizado pela FESEC – Federação das Escolas de Samba e Entidades Carnavalescas do Estado e São Paulo. No ano seguinte o III Encontro aconteceu na cidade de Guarulhos, com nova participação de uma delegação de Ribeirão Preto.

Em 1988, Lei Municipal nº. 5.315, de 01 de setembro, oficializou a denominação da Avenida dos Desfiles como Passarela do Samba, informalmente adotada desde 1985 a qual recebeu pela Lei Municipal nº. 7.620, de 03 de março de 1997 e Decreto Municipal nº. 036, de 10 de março de 1997 o nome de "Passarela do Samba Oscar Cardozo da Silva - Mestre Oscarzinho", após o seu falecimento.

A Comissão Municipal do Carnaval passou a ser permanente na estrutura da Secretaria Municipal da Cultura e ganhou uma sala denominada "Sala Orlando Querbej", em homenagem ao histórico Rei Momo da cidade e posteriormente o carnaval ganhou cadeira no Conselho Municipal de Cultura.

A partir de 1986 foi incentivada a criação dos blocos carnavalescos pelas comunidades e grandes empresas e clubes recreativos, aparecendo alguns que acabavam não se mantendo. Em 1989, um deles, sob a liderança do Vaico e Nerian, da Torcida Jovem do Botafogo se transformou em Escola de Samba do **Botafogo**, e enfim a Vila Tibério ganhou a sua escola. Em 1990 foi a vez do Bloco do Comercial e

do Dom Mielle, sob a liderança do comercialino Jair Valeriano de Brito criar a Escola de Samba **Camisa Preto e Branco** que deixou de desfilar em 2010. Em 1991 José Espressola liderou a transformação do bloco na Escola de Samba **Unidos do Valentina Figueiredo** e em 1994 o sambista Paulo e o empresário Darcy, transformaram o último dos blocos na Escola de Samba **Unidos do Dutra**, os dois já não desfilam mais.

A Sociedade Socorros Mútuos, lançou, com muito sucesso, em meados da década de 1980, um concurso anual de fantasias de carnaval que por muitos anos foi o glamour local daqueles figurantes dedicados a produzir fantasias de luxo e criatividade. A disputa era acirrada, com torcidas organizadas e salão lotado.

Anos depois, na década de 1990, outro destino foi dado ao salão social da entidade e o Palestra Itália assumiu por mais alguns anos o concurso. Quando o clube da Rua Patrocínio deixou de fazê-lo, a própria Comissão Municipal do Carnaval assumiu a missão. No início realizando o concurso no salão social da Associação dos Aposentados à Rua Capitão Salomão, por vários anos seguidos, e depois incorporando ao desfile do carnaval de rua, transformando a proposta no concurso anual de fantasias de destaque que ocorre paralelo ao desfile na passarela do samba até os dias de hoje.

O Baile Carnavalesco Popular foi restabelecido na cidade, em 1989, desta

feita não mais na Cava do Bosque, mas na própria passarela do samba, na Avenida Costa e Silva, ao final dos desfiles, com acesso gratuito e participação ordeira, por diversos anos, de milhares de pessoas, animadas por bandas locais ao vivo.

O Governo Municipal, em meados de 1988, ofereceu a gestão de três quadras poliesportivas construídas pela administração para as agremiações mais antigas da cidade para a instalação de suas sedes. Aos Bambas foi destinada a quadra construída no bairro Adelino Simioni, mas a agremiação não aceitou a oferta. Os Embaixadores dos Campos Elíseos aceitaram e assumiram a quadra construída no bairro Vila Elisa (onde a agremiação tem sede até hoje) e a Academia de Samba do Ipiranga também não aceitou a oferta de quadra edificada no Jardim Presidente Dutra.

Em maio de 1989 ocorreu a extinção da Aliança das Escolas de Samba e no seu lugar, com a direção de pessoas alheias à diretoria das agremiações surgiu a UESEC – União das Escolas de Samba e Entidades Carnavalescas de Ribeirão Preto. A nova entidade elegeu para a presidência o empresário artístico Maurício Orlandini, que muito contribuiu para consolidar a disciplina e a moralidade nos desfiles carnavalescos da cidade.

Com o processo de normatização, rapidamente as agremiações carnavalescas cujos dirigentes não tinham interesses mais efetivos com o carnaval, assim como aquelas que não tinham uma estrutura mínima capaz de manter sua

existência organizada, com qualidade e disciplina, foram, uma a uma, deixando o carnaval. Outros dirigentes, não interessados em cumprir as diretrizes que vinham sendo incorporadas ao carnaval, foram distanciando-se.

Nesse caminho ocorreu, em 1990, o Carnaval União (homenagem à criação da nova Entidade Carnavalesca Dirigente) presidido inicialmente por Adalberto Griffó, que acabou substituído por Osvaldo de Abreu Sampaio Filho.

O CARNAVAL DO POVO 1993 (homenagem à nova administração de Antonio Palocci Filho, do Partido dos Trabalhadores), presidido por Antonio Alvarez da Costa, o Prof. Toninho, foi o último carnaval na passarela do samba da Avenida Costa e Silva. Apesar de um alto investimento em infra-estrutura e da exclusão de agremiações menos estruturadas, as remanescentes não ampliaram o espetáculo carnavalesco produzido nas mesmas proporções.

A passarela do samba na Avenida Costa e Silva foi desmontada em 1993 e o carnaval transferido de local.

Por sucessivos problemas de gestão do poder público, envolvendo a então Secretária Interina da Cultura Maria Elísia Borges, o carnaval de 1994 foi um fracasso de público. Ao término dos festejos carnavalescos, a cidade estava sem a Passarela do Samba e sem uma alternativa viável para substituí-la. As últimas entidades resistentes ao processo de reestruturação deixaram o carnaval.

Foi fundada naquele ano, a Escola de Samba **Tradição do Ipiranga**, com

remanescentes da Academia de Samba do Ipiranga sob a liderança de Carlos Eurípedes da Silva, o Carlão da Trad. No ano anterior, o grupo ainda na agremiação de origem, se negou a desfilar na Passarela do Samba montada junto ao Parque Permanente de Exposições e em protesto desfilou na Avenida Dom Pedro I, no bairro Ipiranga, conseguindo mais público do que o desfile na passarela oficial, mesmo debaixo de forte chuva.

A Tradição do Ipiranga chegou defendendo a autonomia das agremiações a partir da auto-sustentabilidade e alugou uma sede própria, passando a ter um local de referência física na comunidade. Os Bambas também alugaram uma quadra no bairro de Vila Virginia para sua sede social. Os Embaixadores já possuíam sua sede desde 1988.

Em 1994 restavam, das antigas agremiações, a Escola de Samba Bambas, a Embaixadores e a Tradição do Ipiranga. Os Bambas, que sob liderança do Dr. Luiz Carlos Bento tinha recuperado sua organização, estava entregue à liderança do Sr. JOÃO BENTO DA SILVA, mais conhecido como "Seo Santo", responsável pela agremiação até a atualidade. A Escola de Samba Embaixadores dos Campos Elíseos seguia sob a liderança isolada do Mestre Nascimento, pois Alberto Salles Pereira havia se afastado da direção da entidade, no início da década. A nova escola Tradição do Ipiranga mantinha-se sob a liderança de Carlos Eurípedes da Silva, o Carlão da Trad.

Por meio da Comissão Municipal do Carnaval um novo pacto foi firmado entre o poder público e as agremiações remanescentes.

O que se desejava eram a autonomia e a independência, o crescimento quantitativo e qualitativo dos espetáculos produzidos, a viabilização de um espaço físico definitivo para Centro Cultural, sede das agremiações e a manutenção de todos os demais objetivos do programa Carnaval do Futuro. O pacto se assentava na confiança e no compromisso de lealdade dos presidentes de agremiações.

Para comprovar participação, protagonismo popular e mobilização comunitária, as agremiações

"Seo Santo"



desfilaram um ano sem ajuda de custo do poder público, cujos valores seriam transformados em premiação.

Ocorreu o Carnaval da Virada 1995 (marcando a nova fase do carnaval de rua local), o Carnaval do Caverna, 1996 (homenagem a reabertura do Theatro Pedro II) e o Carnaval Amor por Ribeirão 1997, marcando

a chegada de uma nova administração municipal sob o comando do prefeito Luiz Roberto Jábali, que manteve o apoio ao projeto por meio do Secretário da Cultura Francisco de Assis Sampaio Pagano.

Em 1995/1996 a Passarela do Samba foi improvisada na Avenida Costa e Silva que, sem a estrutura anterior, não comportava os desfiles carnavalescos.

Em 1996 a Escola de Samba Tradição e alguns blocos carnavalescos romperam com a União das Escolas de Samba e fundaram uma nova entidade carnavalesca dirigente, a Aliança Moralista Independente de Escolas de Samba, cuja presidência foi entregue ao sambista Itamar Basílio. O motivo da controvérsia foi uma ajuda de custo anual repassada pela Prefeitura para a entidade, com a qual a agremiação não concordava.



foto: Grupo Amigos da Fotografia

Nasceu na cidade, em 1996, por iniciativa do Centro Cultural Orunmilá, o Afoxé Omo Orunmilá, o único do interior do Estado. A partir de então, iniciou-se a tradição dessa manifestação cultural marcar a abertura dos desfiles oficiais de carnaval.

O Afoxé difere das demais agremiações por sua concepção fundamentada nas raízes culturais africanas, mantendo-se como atração permanente, sem disputar concursos carnavalescos, marcando nos desfiles locais a forte e importante influência da cultura negra no carnaval do país e a contribuição para a resistência dessa cultura ao processo civilizatório de caráter eurocêntrico.



foto: Grupo Amigos da Fotografia

Entre 1995 e 1997 a verba oficial destinada ao carnaval foi de noventa mil reais em cada exercício. Em setembro de 1997, uma numerosa delegação de representantes do poder público municipal, entidades carnavalescas dirigentes e agremiações locais, compareceu ao Encontro do Samba Paulista, em Santos, organizado pela Fesec.

No mesmo ano, um novo pacto foi firmado entre as agremiações e a municipalidade. A Secretaria da Cultura assumiu diretamente os aspectos infra-estruturais do carnaval. O Programa Carnaval do Futuro foi desmembrado em três: programa Carnaval o Ano Todo, programa Escola de Samba – Agente Social e programa Festejos Carnavalescos. A Passarela do Samba foi para a Avenida Eduardo Andrea Matarazzo (Via Norte), pista centro-bairro, entre as Ruas Pernambuco e Aliados e começou a receber alguma infra-estrutura locada, melhorando o conforto do público, mas longe do que já existiu no passado.

Para facilitar a cobertura pela imprensa, a pista de desfile passou a ser pintada de azul claro o que valorizou muito o espetáculo apresentado.

No final de 1997, mediante a aprovação da Câmara Municipal, foram cedidos, pela Prefeitura Municipal, às três escolas de samba - Tradição, Embaixadores e Bambas -, áreas provisórias para que as mesmas pudessem desenvolver suas atividades pelo prazo de 24 meses, findo os quais o compromisso político era de que as sedes definitivas fossem viabilizadas. No caso dos

Embaixadores ocorreu a oficialização no local em que estavam instalados informalmente desde 1988. Em 19 de dezembro de 1997, foi sancionada a Lei Municipal 7.846 que regulamentou em definitivo os festejos carnavalescos locais, dentro dos novos parâmetros pactuados.

No ano seguinte houve um pequeno reajuste na verba total destinada ao carnaval, que passou a ser de cento e vinte e três mil reais. Outro fator importante foi a transmissão, ao vivo, pela primeira vez, através da TV Clube, retransmissora da rede Bandeirantes, dos desfiles do carnaval de rua local e do desfile regional de convidadas, quando desfilaram, em Ribeirão Preto, as Escolas de Samba Batataenses Baroel de Vila Maria e a Unidos do Morro e Acadêmicos do Samba. A iniciativa foi do jornalista José Wilson Toni.

Também foi a partir do carnaval de 1998, que a Comissão Municipal do Carnaval escolheu os bonecos "Nega Maluca" e "Waldemar" para representá-la. Eram duas caricaturas que lembravam Carmen Luiza Rezende, que no início do Programa Carnaval do Futuro, na década de 1980, vestia-se da personagem "Nega Maluca" e descia pela passarela do samba agitando a plateia. O outro boneco era um personagem que pretendia prestar justa homenagem ao senhor Waldemar Rodrigues, tradicional membro da Comissão Municipal do Carnaval que durante muitos anos foi responsável pela coordenação da montagem de toda infra-estrutura da passarela do samba. Waldemar tornou-se símbolo daquele grupo que

Entre 1995 e 1997 a verba oficial destinada ao carnaval foi de noventa mil reais em cada exercício. Em setembro de 1997, uma numerosa delegação de representantes do poder público municipal, entidades carnavalescas dirigentes e agremiações locais, compareceu ao Encontro do Samba Paulista, em Santos, organizado pela Fesec.

No mesmo ano, um novo pacto foi firmado entre as agremiações e a municipalidade. A Secretaria da Cultura assumiu diretamente os aspectos infra-estruturais do carnaval. O Programa Carnaval do Futuro foi desmembrado em três: programa Carnaval o Ano Todo, programa Escola de Samba – Agente Social e programa Festejos Carnavalescos. A Passarela do Samba foi para a Avenida Eduardo Andrea Matarazzo (Via Norte), pista centro-bairro, entre as Ruas Pernambuco e Aliados e começou a receber alguma infra-estrutura locada, melhorando o conforto do público, mas longe do que já existiu no passado.

Para facilitar a cobertura pela imprensa, a pista de desfile passou a ser pintada de azul claro o que valorizou muito o espetáculo apresentado.

No final de 1997, mediante a aprovação da Câmara Municipal, foram cedidos, pela Prefeitura Municipal, às três escolas de samba - Tradição, Embaixadores e Bambas -, áreas provisórias para que as mesmas pudessem desenvolver suas atividades pelo prazo de 24 meses, findo os quais o compromisso político era de que as sedes definitivas fossem viabilizadas. No caso dos

Embaixadores ocorreu a oficialização no local em que estavam instalados informalmente desde 1988. Em 19 de dezembro de 1997, foi sancionada a Lei Municipal 7.846 que regulamentou em definitivo os festejos carnavalescos locais, dentro dos novos parâmetros pactuados.

No ano seguinte houve um pequeno reajuste na verba total destinada ao carnaval, que passou a ser de cento e vinte e três mil reais. Outro fator importante foi a transmissão, ao vivo, pela primeira vez, através da TV Clube, retransmissora da rede Bandeirantes, dos desfiles do carnaval de rua local e do desfile regional de convidadas, quando desfilaram, em Ribeirão Preto, as Escolas de Samba Batataenses Baroel de Vila Maria e a Unidos do Morro e Acadêmicos do Samba. A iniciativa foi do jornalista José Wilson Toni.

Também foi a partir do carnaval de 1998, que a Comissão Municipal do Carnaval escolheu os bonecos "Nega Maluca" e "Waldemar" para representá-la. Eram duas caricaturas que lembravam Carmen Luiza Rezende, que no início do Programa Carnaval do Futuro, na década de 1980, vestia-se da personagem "Nega Maluca" e descia pela passarela do samba agitando a plateia. O outro boneco era um personagem que pretendia prestar justa homenagem ao senhor Waldemar Rodrigues, tradicional membro da Comissão Municipal do Carnaval que durante muitos anos foi responsável pela coordenação da montagem de toda infra-estrutura da passarela do samba. Waldemar tornou-se símbolo daquele grupo que

trabalhou pela reestruturação do carnaval de rua a partir de 1985.

O ano de 1998 foi outro momento importante para o carnaval de Ribeirão Preto, as escolas de samba iniciaram efetivamente a conquista de sua autonomia e independência, rompendo ou minimizando ao máximo a dependência em relação ao Poder Público. Reciclagem, reutilização, voluntariado, racionalidade no uso de materiais, incorporação de novas técnicas artesanais e ações correlatas passaram a ser palavra de ordem. Aconteceu o carnaval dos Canaviais (homenagem a agroindústria canavieira local), presidido por José Wilson Toni e pelo próprio Secretário da Cultura Francisco Pagano, em dupla.

O carnaval de rua conquistou então importantes espaços na sociedade, notadamente a galeria do M.I.S. - Museu da Imagem e do Som da Secretaria de Cultura, que dedicou um mês para expor fotografias que registraram o espetáculo apresentado pelas agremiações carnavalescas, assim como do público que de forma fiel, anualmente se faz presente e prestigia os desfiles do carnaval de rua de Ribeirão Preto.

Ainda em 1998, no dia 13 de agosto, foram oficializados por Decreto Municipal, em cumprimento à Lei Municipal 7.948, de 19 de dezembro de 1997, artigo 10, os novos regulamentos oficiais do carnaval de rua de Ribeirão Preto. Tais regulamentos sofreram modificações ao longo do tempo, mas ainda estão vigentes na sua essência e rezam sobre os desfiles e concursos do carnaval de rua, de

avaliação, ética e disciplina, das concepções técnicas dos espetáculos, do regimento interno da comissão municipal do carnaval e do calendário oficial dos festejos.

Em 1999 não houve carnaval de rua, ocorreu o carnaval Pé no Chão, presidido diretamente pelo secretário, com um baile carnavalesco na sede provisória de cada agremiação. Um acordo selado com o prefeito suspendia os desfiles como forma de sobrar recursos a serem destinados à implantação de uma estrutura física permanente para sediar as escolas de samba. Infelizmente o acordo acabou não viabilizado pela prefeitura e nenhuma quadra de escola de samba foi construída.

No ano 2000 ocorreu o Carnaval 500 Anos, presidido por Mariângela Heredia Quartim de Moraes, quando, por um acordo, as escolas de samba desfilaram excepcionalmente com tema único, sobre as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil, embora pudessem escolher enredos diferentes no que tangia a abordagem feita da história do País. A partir do mote $10 \times 50 = 500$ propondo contar uma parte da história brasileira em 10 tópicos, cada agremiação contaria 50 anos dessa mesma história. As agremiações foram para a avenida com um bonito espetáculo, de ótima qualidade, muito acima daquela apresentada anteriormente, mas ainda aquém daquela desejada.

O carnaval deixou a Via Norte em função de um Termo de Ajuste de



Conduta firmado entre a municipalidade e o Ministério Público, para que nenhuma atividade fosse organizada às margens dos córregos da cidade, com o objetivo de preservar a recuperação das matas ciliares. A festividade foi transferida para a Avenida Mogiana, entre as Ruas Barretos e José Buischi, aguardando sua transferência para um local definitivo.

A TV Clube transmitiu o desfile, em 2000, consolidando um importante meio de divulgação do carnaval de rua. No ano de 2001, com o novo prefeito, as escolas de samba chegaram fragilizadas pela dificuldade encontrada no projeto então em andamento, já que recursos públicos deixaram de ser repassados sob o argumento de que com a sede social que ganhariam, deveriam custear suas próprias despesas.

Sem a prometida sede social não puderam ser gerados esses recursos, comprometendo a situação das entidades. Num acordo com a prefeitura os desfiles do carnaval de rua foram mais uma vez suspensos e houve um engajamento da Secretaria Municipal da Cultura para viabilizar enfim, as prometidas sedes sociais.

O Carnaval da Paz 2001, presidido pelo novo Secretário Galeno Amorin, se resumiu a bailes populares com visitas da Corte de Momo. No ano seguinte, ocorreu o Carnaval Energia 2002 presidido pelo empresário cultural Paulo César Correa Alonso e uma estrutura mais permanente, ainda que improvisada, foi sendo implantada na Avenida Mogiana.

Em agosto de 2001, uma grande delegação de dirigentes carnavalescos e membros da Comissão do Carnaval compareceram ao Encontro do Samba Paulista, em Guarulhos. Além de uma importante participação da delegação local no encontro, reafirmando a liderança da cidade na área, um ajuste foi conduzido, no sentido de unificar as entidades carnavalescas dirigentes para dar respaldo e sustentação a uma revitalização dos planos de carnaval na política municipal de Cultura.

Em setembro, substituindo a União e a Aliança, surgiu a Liga Ribeirãopretana de Organizações Carnavalescas como entidade única, a partir de um pacto de todos os dirigentes das agremiações em funcionamento.

Vencidos os entraves burocráticos, as sedes sociais das três escolas de samba veteranas da cidade passaram efetivamente a ser viabilizadas no final do ano. Isso permitiu que se preparasse um desfile do carnaval de rua paliativo para 2002, mas efetivamente abrindo a possibilidade do início de um novo período para o carnaval de rua. Três mini-escolas estrearam: Acadêmicos do Sudeste, sob a liderança de Gilmar de Souza, Verde Rosa, sob a liderança de Walmir Silva e Camisa 12 Corinthiana, sob a liderança de Jeferson Machado.

No ano de 2003 as três escolas de samba veteranas mais antigas receberam, provisoriamente, suas sedes sociais realizando um desfile de qualidade no Carnaval Esperança, com a comissão ainda presidida pelo empresário Paulo

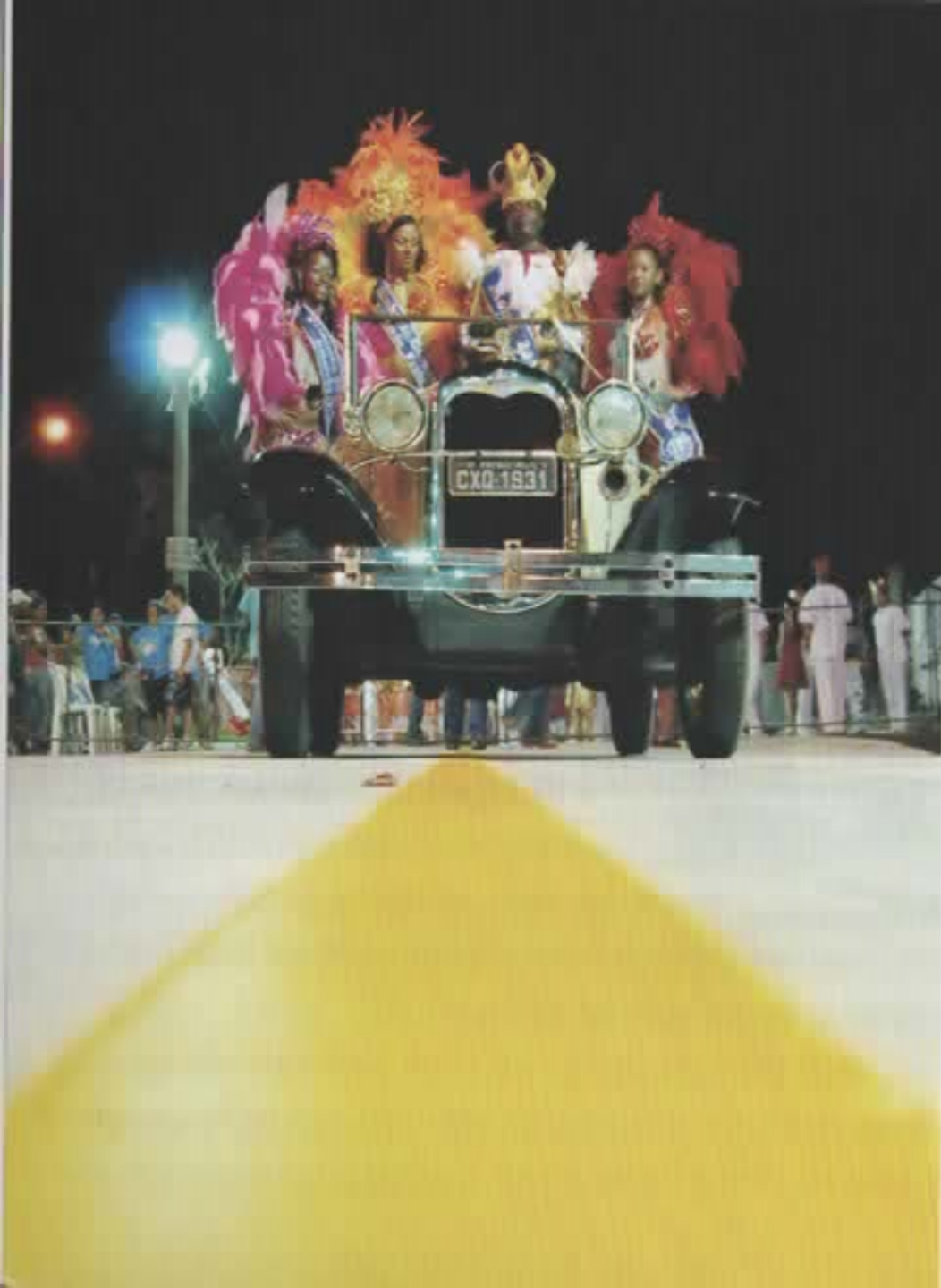


Foto: Grupo Amigos da Fotografia

Alonso. As três mini-escolas que se apresentaram no ano anterior se transformaram em escolas de samba e uma delas – a Verde e Rosa – não conseguiu manter os padrões mínimos de qualidade e foi afastada do carnaval, com punição rigorosa de seus dirigentes. Paulo César Pereira de Oliveira, do Centro Cultural Orunmilá, assumiu a Presidência da Liga Carnavalesca e sob forte oposição da Secretaria da Cultura e sem respaldo necessário das agremiações deixou o cargo, assumindo a presidência Sueli de Oliveira, artesã e carnavalesca, que permaneceu no cargo até 2005.

O Carnaval Comunidade 2004, presidido por Simara Sgobbi Cauchick, funcionária de carreira da Secretaria Municipal da Cultura, marcou uma nova forma de organização dos festejos. A Secretaria da Cultura passou a responder diretamente pela infra-estrutura, a Comissão Municipal do Carnaval pela divulgação e promoção dos festejos e a Liga Carnavalesca pelas questões técnicas da organização do espetáculo.

O ano de 2004 trouxe o retorno da Escola de Samba Camisa Preto e Branco, afastada desde 1995 e que se apresentou como pleiteante. Houve ainda o licenciamento por um ano da Escola de Samba Tradição do Ipiranga. O espetáculo carnavalesco foi considerado de excelente qualidade, surpreendendo a todos pela evolução muito rápida dos desfiles montados pelas organizações carnavalescas locais.

No ano seguinte, em decorrência dos problemas decorrentes da transição de governo, ficou decidido entre as escolas de samba, a Liga e a administração municipal que não se realizariam desfiles naquele ano, preservando a qualidade conquistada nos espetáculos anteriores.

Em 2006 os desfiles ocorreram na Avenida Mogiana em homenagem ao sesquicentenário da cidade. Com seis escolas de samba, incluindo o retorno da Tradição do Ipiranga, esse evento marcou a ruptura definitiva com o antigo carnaval da cidade, consolidando-se a agregação de novos valores às ações das organizações carnavalescas, como a geração de emprego e renda e a profissionalização da produção em alguns aspectos, mesmo quando o agente que a realiza é um voluntário.

Em 2006 as agremiações Bambas, Tradição do Ipiranga e Afoxé Orunmilá, romperam unilateralmente o acordo firmado em 2001 e se desfilaram da Liga Carnavalesca, então presidida por Milton da Silva. Como resultado fundaram uma nova entidade carnavalesca dirigente, a UECARP.R - União das Entidades Carnavalescas de Ribeirão Preto e Região, cuja presidência foi entregue a André Justino Neto, retomando a polarização entre as duas entidades com sérias dificuldades de representação coletiva das agremiações.

No Carnaval Alegria de Todos 2007, as escolas de samba Camisa Preta e Branca e Camisa 12 Corinthiana receberam áreas da municipalidade para suas

sedes sociais e implantação de Centros Culturais. Naquele mesmo ano o Prefeito Municipal, acolhendo sugestão da Comissão Municipal do Carnaval, baixou decreto nº. 258, em 31 de outubro, regulamentando a supervisão e a fiscalização do uso, pelas escolas de samba das áreas e próprios municipais que lhes foram cedidos, incumbência que ficou para o Departamento Administrativo da Secretaria Municipal da Cultura.

Em 2008, com o Carnaval Asas da Liberdade, estreou na passarela do Samba, a Escola X9-Ribeirãopretana, que se transformou de mini-escola em escola veterana, em 2009. O Carnaval Novo Tempo 2009, (referindo-se à nova administração da prefeita Dárcy Vera) presidido pelo empresário Genivaldo Gomes, marcou o fim da figura de mini-escola, substituída por grupo de acesso para as escolas pleiteantes. Com isso as novas escolas, além de cumprir o regulamento, precisam vencer no grupo para serem alçadas à condição de veteranas, que não era mais conferida automaticamente.

Também no desfile de 2009, embora tenham apresentado bons desfiles, quatro escolas falharam na disciplina e foram rigorosamente punidas com reclassificação como pleiteantes, entre elas, a X9 Ribeirãopretana e a Camisa Preta e Branca, que deixaram o carnaval em 2010, não se inscrevendo formalmente. A última mini-escola estreou e se tornou veterana, a Escola de Samba Falcão de Ouro.

Em 2010, no carnaval Ribeirão - Nossa Nova Paixão, quatro agremiações

veteranas se inscreveram para o desfile: Embaixadores dos Campos Elíseos, Bambas, Tradição do Ipiranga e Falcão de Ouro. Outras três se inscreveram no grupo de acesso: as veteranas suspensas, Acadêmicos do Sudeste - Vila Virgínia e Camisa 12 Corinthiana e a estreante Imperadores do Samba.

Hoje o carnaval está incorporado pela administração pública e em especial pela Secretaria da Cultura como atividade permanente integrante da Política Pública de Cultura no município, conforme o Plano Municipal de Cultura – 2010-2020.

Uma nova fase se avizinha para aplicação a partir do Carnaval 2011. A tônica agora é disciplina, a comunidade e a competição, privilegiando os melhores, os mais legitimados e os mais organizados, a transparência, a profissionalização e a democratização das gestões das agremiações. A ideia é preservar a liderança comunitária natural e legítima e consolidar o protagonismo, a participação popular e a fortalecimento da mobilização comunitária, de maneira a legitimar a agremiação como agente social e permitir a retomada da produção carnavalesca como manifestação e ação cultural da comunidade.

foto: Grupo Amigos da Fotografia





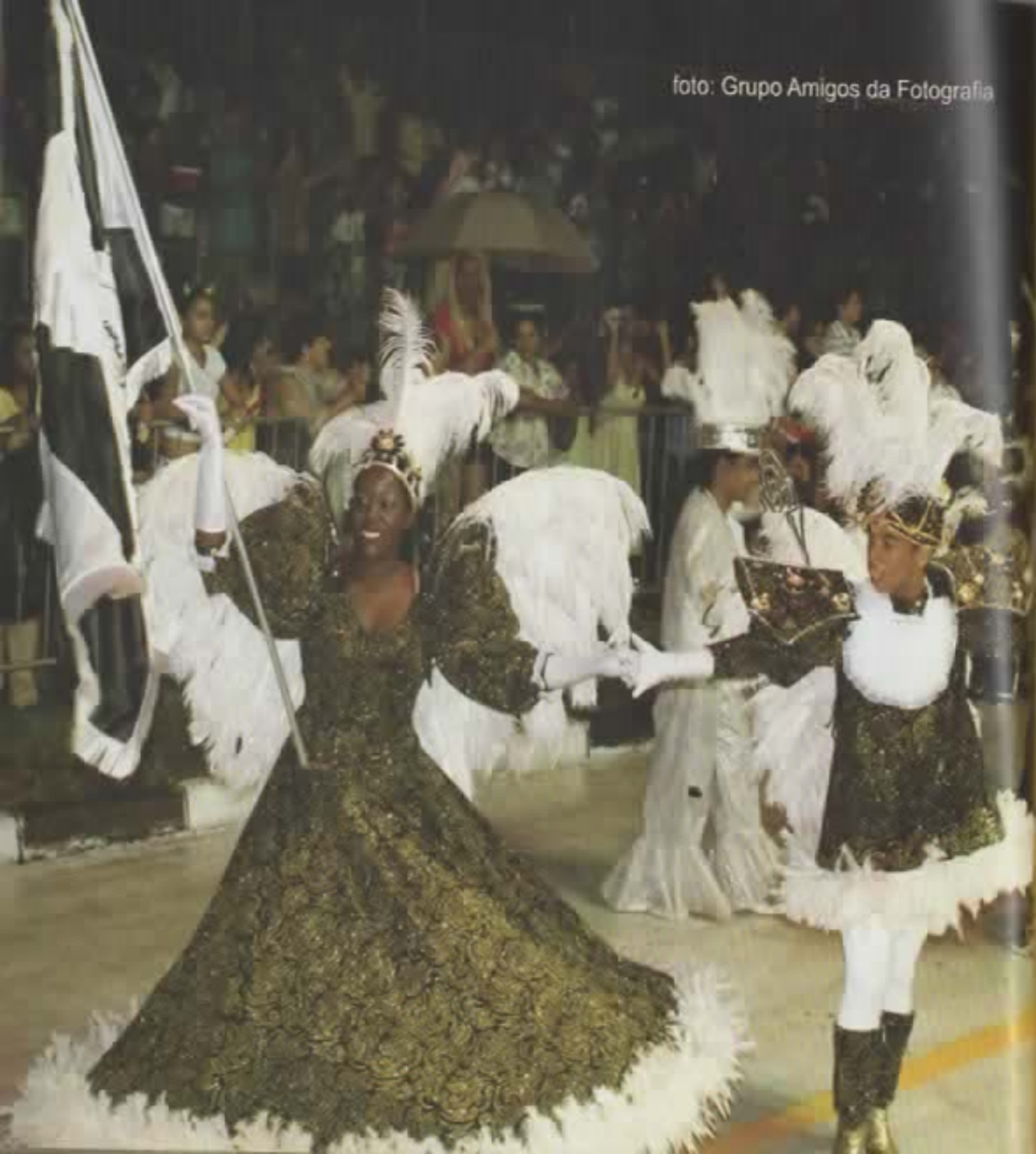
Carnaval de rua no Distrito de Bonfim Paulista

O distrito de Bonfim Paulista passou a contar com carnaval de rua próprio a partir de 1984, primeiro com a criação de um bloco carnavalesco e depois com a presença de duas escolas de samba - Acadêmicos de Bonfim e Juventude Unida que deixaram de funcionar e retornaram a partir de 2003 unidas numa única agremiação, mas acabaram dividindo-se novamente, nos anos seguintes. Atualmente o distrito tem duas escolas - Acadêmicos de Bonfim presidida por Marlei Ferrari de Sousa Barros e a Unidos da Vila, sob a presidência de Paulo Henrique Pereira.

A relação das duas agremiações com a comunidade local é fidelizada ano a ano com um calendário permanente de atividades. A praça central do distrito é um dos locais dos ensaios e o acompanhamento dos passistas e moradores aproxima as entidades dos protagonistas da festa popular, que tem se aprimorado de tal maneira a garantir uma apresentação de qualidade técnica e visual, que vem atraindo cada vez mais visitantes de várias localidades.

Em Bonfim Paulista não existe competição e as escolas se apresentam para apreciação do público em dias alternados oferecendo atrativo carnavalesco nos quatro dias do calendário festivo com duas noites para cada escola.

foto: Grupo Amigos da Fotografia



CARNAVAL FESTA DO POVO

Ribeirão Preto como um cenário de representatividade histórica

ISBN 978-85-62852-01-5



9 788562 652015

CARNAVAL FESTA DO POVO

Ribeirão Preto como um cenário de representatividade histórica